

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM

EDUARDO DE SOUZA MELO

**Monitoria no LIBRAS B: Desmistificando a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)
e praticando o ensino de Libras como L2 (Segunda língua)**

**Manaus
2018**

EDUARDO DE SOUZA MELO

**Monitoria no LIBRAS B: Desmistificando a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)
e praticando o ensino de Libras como L2 (Segunda língua)**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras-Libras.

Prof^o Orientador(a): Livia Martins Gomes.

**Manaus
2018**

EDUARDO DE SOUZA MELO

**Monitoria no LIBRAS B: Desmistificando a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)
e praticando o ensino de Libras como L2 (Segunda língua)**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras-Libras.

Manaus, 24 de janeiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Lívia Martins Gomes
UFAM

Prof^o Vanessa Nascimento dos Santos de Oliveira
UFAM

Prof^o Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa
UFAM

RESUMO

Este artigo pretende tratar das questões pertinentes ao ensino de LIBRAS, como L2, com base nas observações no curso de LIBRAS – B¹ (Básico) ofertado como disciplina optativa na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), bem como discorrer sobre algumas crenças sobre o ensino de língua, sob o prisma da Linguística Aplicada. No intuito de esclarecer o conceito crenças, referente a Libras, baseados nas percepções dos alunos do referido curso, destacando algumas dificuldades, como também, facilidades durante a pesquisa. Diante disso, pretende-se contribuir, inicialmente, para o melhor desenvolvimento do curso Libras B e os estudos lingüísticos acerca do ensino Libras, assim, minimizar preconceitos, que resultarão nos dois maiores objetivos pretendidos com essa pesquisa: desmistificar a Libras, melhorar sua abordagem e desenvolvimento dentro do curso Libras B. O artigo divide-se basicamente em duas partes. Na primeira parte, faz-se um levantamento bibliográfico, focando-se em conhecimentos substanciais para elucidar os questionamentos iniciais. Na segunda parte, assumiu-se a pesquisa descritiva, na qual o trabalho foi desenvolvido através de observação, registros e anotações, que foram utilizadas para fins de observações minuciosas, uma entrevista semiestruturada com alguns alunos da turma de Geografia. Todos os recursos supracitados foram utilizados no intuito de nortear e estruturar esta pesquisa, tendo como foco de análise e espelho social os alunos de diversas licenciaturas participantes do curso básico de Libras, disponibilizado pela UFAM- Libras B. Para embasamento teórico deste trabalho, foram utilizados alguns autores indispensáveis quanto a temática da Surdez, do Ensino de Línguas e Libras: Gesser, Campelo e Gill.

PALAVRAS-CHAVE: L2; Mitos, Libras; Surdos.

¹Disciplina ofertada pela UFAM como optativa, com carga horária de 60 horas, divididas igualmente em 30 horas teóricas 30 horas práticas, créditos 4, tendo sua definição na ementa: conhecer a estrutura da Língua de Sinais nos níveis fonológicos e morfossintáticos, aplicando este conhecimento em situações sócio comunicativas e instrumentalizando para a comunicação e a inclusão social, através do conhecimento da Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT

This paper intends to deal with issues related to the teaching of Brazilian Sign Language (LIBRAS) as L2, based on the observations in the LIBRAS - B² (Basic) course - offered as an optional subject at the Federal University of Amazonas (UFAM)-, as well as to discourse about some beliefs on language teaching, under the prism of Applied Linguistics. In order to clarify the concept of beliefs, related to Libras, based on the students' perceptions of the course, highlighting some difficulties, as well as facilities during the research. On this, it is intended to contribute, initially, to the better development of the Libras B course and the linguistic studies about the Libras teaching, thus minimizing prejudices, which will result in the two major objectives, intended with this research: demystify Libras, improve its approach and development within the Libras B course. The article is basically divided into two parts. In the first one, a bibliographical survey is made, focusing on substantial knowledge to elucidate the initial questions. In the second one, the descriptive research was undertaken, in which the work was developed through observation, records and notes, which were used for the purpose of detailed observations, a semi structured interview with some students of the geography class. All of the aforementioned resources were used in order to guide and structure this research, having as focus of analysis and social reflection the students of several graduation courses participating in the basic course of Libras, available by UFAM- Libras B. For theoretical background of this work, some indispensable authors on the theme of Deafness, Language Teaching and Brazilian Sign Language (Libras): Gesser, Campelo and Gill.

Keywords: L2, Myths, Libras, Deaf.

² Discipline offered by UFAM as an elective, with a 60 hours course load, divided into 30 theoretical hours 30 practical hours, credits 4, and its definition in the curriculum menu: to know the structure of the Sign Language in phonological and morphosyntactic levels, applying this knowledge in socio-communicative situations and instrumentalizing for communication and social inclusion, through the knowledge of the Brazilian Sign Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. ARCABOUÇO TEÓRICO	7
1.1 Crenças sob o olhar da linguística aplicada e suas inferências sobre o ensino de línguas.....	7
1.2 Breve apanhado histórico de mitos sobre a surdez e suas marcas: um olhar sobre os discursos discente referente a cultura Surda e seus artefatos.	10
2. PRESTÍGIO E RECONHECIMENTO REFERENTE A LIBRAS B E SEU USO COMO FERRAMENTA PARA A DESCONSTRUÇÃO MÍTICA PRECONCEITUOSA EM PROL DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	14
3. METODOLOGIA	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
5. REFERÊNCIAS	22

INTRODUÇÃO

Mitos, por muitas vezes, são a base cultural de várias etnias e, por definição, os mitos são narrativas de fatos que perpassam o tempo e gerações, tentando explicar eventos que a ciência ainda não havia elucidado. Os mitos, neste trabalho, serão tratados como um dos fatores geradores de preconceitos e definições equivocadas, sem embasamento científico.

Em algum momento da nossa história, quando o conhecimento científico passou a competir com o conhecimento mítico, o termo mito passou a ter um sentido pejorativo, agregando em seu conceito como palavra um sinônimo de crença ampliada ou de evento totalmente fictício, fazendo margem em vários sentidos a comunidade surda e sua língua materna, a língua de sinais. A pesquisa a seguir elucidará os mais recorrentes mitos cristalizados na comunidade ouvintista, referentes a Surdez e a Libras, desde os mais comuns e discutidos nas obras de Audrei Gesser (por exemplo, “LIBRAS? Que língua é essa?”) como os de menor recorrência; todos são relevantes para entender suas origens e abrangências, com base em perspectivas científicas, e em estudos recursivos feitos por pesquisadores da área. Pretende-se também, contemplar os alunos da disciplina de Libras Básico das Licenciaturas da Universidade Federal do Amazonas como sujeitos da pesquisa, com objetivo de compreender quais conhecimentos, crenças e/ou mitos precisam ser desconstruídos em prol de uma sociedade mais inclusiva. Partindo dos conhecimentos e experiências percebidas no decorrer do tempo de contato com os alunos do curso Libras B, sob as perspectivas de monitores e alunos, esta pesquisa pretende contribuir na melhoria das práticas de ensino de Libras como L2.

1. ARCABOUÇO TEÓRICO

1.1 Crenças sob o olhar da linguística aplicada e suas inferências sobre o ensino de línguas.

Entende-se que delimitar a pesquisa aumenta sua profundidade e prestígio (GILL,2002), mas em diversos momentos, munidos dos pontos cruciais da pesquisa,

serão lançadas abordagens mais amplas, do ponto de partida ao objetivo pretendido, tendo como produto final desse fazer, uma pesquisa com uma base mais consistente.

Diante do que fora exposto, é merecido refletir sobre os conceitos de crenças relacionados ao ensino de línguas sob a ótica do discente numa perspectiva da linguística aplicada.

Todo o arcabouço teórico desta pesquisa gira em torno das melhorias referente ao progresso do curso Libras B (na qual o autor foi monitor e teve participação durante as aulas), buscando traçar um breve panorama acerca dos estudos sobre a Surdez.

Logo, expor, analisar, filtrar sem que se esboce um tom pejorativo a respeito das crenças aqui divulgadas é um trabalho que exige grande esforço.

Abordar a importância das crenças sobre ensino de línguas não é algo tão simples; quase que por natureza costumamos criticar, até mesmo de forma gratuita e pouco científica as crenças alheias, sem levar em consideração os fatores que as acarretam. “As crenças são partes das nossas experiências e estão inter-relacionadas com o meio em que vivemos” (Barcelos, 2002, p. 59).

Assim, faz-se necessário respeitá-las e analisá-las de forma impessoal, como perceptível no excerto:

Um dos princípios do celebrado educador Paulo Freire é de que todo professor-educador *deve começar com o conhecimento que os alunos já possuem na vida*. Nessa perspectiva, todas as teorias e abordagens de ensino são apenas instrumentais e competências adquiridas de que o professor dispõe para orientar suas ações pedagógicas, tornando-as verdadeiras ferramentas de trabalho, de indagação e reflexão. (GESSER, 2015, p. 13)

Torna-se relevante uma análise crítica e científica, tomando por base contextos e intenções sociais, tendo suas ancoragens para esse discernimento, com sustentações teóricas expressivas.

Adentrando um pouco mais nesse contexto, encontramos um ambiente ainda mais complexo, quando lançamos um olhar sobre as crenças relacionadas a Libras ou sobre a Surdez pela visão do aluno. Precisamos ter cuidado para que o observador não se torne um julgador expressivo das crenças dos alunos em questão, fazendo com que o aluno se sinta retraído ao expor suas opiniões como bem cita Barcelos sobre a visão do docente referente a crenças dos alunos.

Uma segunda implicação para o ensino é que precisamos criar oportunidades em sala de aula para os alunos e, principalmente, futuros professores, questionar não somente suas próprias crenças, mas crenças em geral, crenças existentes até mesmo na literatura em LA (linguística aplicada) e crenças sobre ensino. Isso faz parte de formar professores críticos, reflexivos e questionadores do mundo a sua volta (não somente da sua prática). Nós precisamos aprender a trabalhar com crenças em sala, já que ter consciência sobre nossas crenças e ser capaz de falar sobre elas é o primeiro passo para professores e alunos reflexivos. (BARCELOS, 2004, p. 23)

Deve-se destacar aqui, o papel das crenças no contexto de saberes em construção, como trabalha-las e aproveitá-las dentro de sala de aula. Porém, existe uma questão delicada que margeiam as crenças dentro do Libras B, e fora desse universo, quando se refere a Surdez, a Libras e seus aspectos linguísticos. Entende-se que as crenças atuam diretamente na construção dos saberes que, de certa forma, estão enraizados na nossa sociedade. Tais crenças servem de fonte para pensamentos e atitudes preconceituosas, algo que além de silencioso se torna, por vezes, destrutivo, como bem cita Bagno.

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é *invisível*, no sentido que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele [...] pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá da sua gravidade, como um sério problema social. (BAGNO, 2016, p. 22)

Bagno faz essa ressalva em sua obra, em relação as afirmações falaciosas de mitos e fantasias que parasitam nossa sociedade, quanto as línguas orais, mais precisamente no nosso português. Tal pensamento é completamente aplicável a Libras. Neste contexto, o preconceito torna-se muito mais destrutivo quando correlacionado a segunda língua utilizada no Brasil por uma minoria linguística: a Libras; ou seja, o preconceito linguístico e cultural que mantêm a Surdez na esfera de patologia, e a Libras como língua de deficientes.

Contudo, para perceber o preconceito linguístico e cultural que paira sobre a Libras, precisa-se primeiro entender a Libras como uma língua, e “deficiência” como condição e diferença cultural. Para tanto, uma das primeiras tarefas de desconstrução mítica dentro do curso foi entender que a Libras não se constitui de gestos produzidos sem qualquer tipo de critério, mas, sim, de todos os parâmetros linguísticos das línguas orais, “a fonologia ocorrem pelas configurações de mãos, pontos de locações,

movimentos, orientações da palma, e expressões faciais como um conjunto extralinguísticos”. (CAMPELO E SOUZA,2009 p. 47, apud Quadros e Karnopp 2004)

Deve-se levar os alunos ao entendimento e à reflexão da abrangência e pertinência da Lei referente a Libras e sobre seu status de língua, como bem prevê a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002³, devidamente regulamentada pelo decreto n.º 5626 do dia 22 de dezembro de 2005⁴. Tal lei nos tira de uma realidade límbica e nos reconstrói conceitos novos, de que o Surdo é um sujeito que compartilha de uma cultura diferente desvencilhando, assim, a surdez do conceito patológico, “tornar visível a língua desvia a concepção da Surdez como deficiência – vinculada às lacunas da cognição e no pensamento para uma concepção da Surdez como diferença linguística e cultural”. (GESSER,2014, p. 10).

Quando tais crenças embasam esses preconceitos, elas deixam seu “status” de crenças e passam ao “status” de mito preconceituoso, que irá influenciar diretamente os saberes disseminados. Partindo desse pensamento, o resultado pode ser catastrófico. Diante disso, cabe aos pesquisadores e educadores combatê-los e expurgá-los de maneira científica e moral, usando como instrumento para esse combate os conhecimentos científicos e sociais, apresentando-os no ambiente propício para essas desconstruções míticas: a sala de aula. Neste ambiente, esses assuntos precisam ser incansavelmente debatidos e trabalhados, em conjunto com a comunidade Surda.

1.2 Breve apanhado histórico de mitos sobre a surdez e suas marcas: um olhar sobre os discursos discente referente a cultura Surda e seus artefatos.

Tanto as línguas orais quanto as espaço-visuais possuem suas raízes históricas ancoradas na cultura dos povos que as usam e podem remeter seu povo a épocas de

³ Art. 1º É reconhecida como meio Legal de comunicação e expressão a língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressões a ela associados.

Parágrafo único – entende-se como língua brasileira de sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas Surdas do Brasil.

⁴ Art. 1º Este decreto regulamenta a Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei n.º 10.098 de 19 de dezembro de 2000.

Art. 2º para os fins deste decreto, considera-se pessoa Surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo através de experiências visuais, manifestando sua CULTURA pelo uso da língua Brasileira de sinais – Libras.

glórias, feitos, mudanças históricas e sociais, que, muitas vezes, desvelam-se em sofrimentos. No caso do povo surdo, tribos indígenas e povos colonizados em geral, que sofreram os efeitos de um genocídio não somente físico, mas também linguístico, conseqüentemente, tiveram enterrados junto com seus corpos as suas crenças e culturas. Esse é um fator determinante para entendermos o “status” linguístico ao qual são classificadas suas línguas.

Expor esses episódios torna-se relevante para que se possa observar, que quando nos referimos a diversas línguas, pairam sobre suas realidades muitos contextos e influências de outras culturas e/ou crenças que podem contribuir significativamente tanto para o desuso da mesma como para o seu crescimento exponencial. Portanto, deve-se sempre levar em consideração as diferenças linguísticas e históricas no ensino das línguas.

Muitas línguas sofreram cerceamentos e preconceitos referentes ao seu uso, em algum momento da história ou em detrimento de uma outra língua “mais importante”, independente se esse cerceamento partiu de um preconceito linguístico ou étnico; tais acontecimentos, quase sempre, vêm disfarçados de boas intenções.

Um exemplo desse cerceamento foi o Congresso de Milão, em 1880, de impacto extremamente prejudicial e sob alguns aspectos irreversível, que esse feito teve na história da educação dos surdos. Campelo e Souza relata:

O congresso de Milão é considerado para a comunidade Surda como o século do *holocausto*, pois proibia os professores Surdos dar instrução nas escolas de Surdos, o uso da língua de sinais dentro das escolas de Surdos e determinava o fechamento dos Institutos em regime de internato [...] modalidade falada, da filosofia oralista é superior à modalidade gesto-visual. (CAMPELO E SOUZA, 2009, Pg. 17).

Diversos artifícios foram usados para solidificar essa afirmação, incluindo a “voz” de pessoas de grande prestígio social na época, como Alexandre Graham Bell, defensor do método oralista e participante ativo das decisões do Congresso de Milão. Tais decisões preconceituosas e disfarçadas de boas intenções, muitas vezes, facilitam e estimulam a supressão de uma língua em detrimento de outra, em um processo lento e doloroso como bem relata Audrei a respeito da oralização.

[...] Desenvolvimento da fala vocalizada pelo Surdo são objetos que se traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração [...] Oralizar é sinônimo de negação da língua dos Surdos. É sinônimo de correção, de imposição de treinos exaustivos, repetitivos e mecânicos da fala. (GESSER, 2014, p. 50)

Este discurso vem sendo combatido há muito tempo dentro da comunidade surda, mas ainda ecoa no meio ouvintista, incluindo as universidades, o discurso de que a surdez precisa de tratamento ou de cura, e o ser surdo constitui algo patológico. A visão do sujeito surdo atrelado a deficiência e, não, ao culturalmente diferente está, por exemplo, nesse trecho de entrevista: “Em minhas crenças acreditava que todo deficiente auditivo precisava de ajuda, porém depois do decorrer das aulas, descobri que estes são pessoas normais, com direitos e deveres, como qualquer outra pessoa que são consideradas normais.” (Entrevistado “A”, 2017)

Observa-se que os saberes disseminados em meados 1880 sobre a surdez perpassam o tempo e adentram os ambientes mais improváveis como o das universidades e salas de aula. Tal preconceito possui raízes tão sólidas e difusas que alcançam e distorcem inclusive as terminologias mais básicas referente a cultura surda, visto que ainda são comuns terminologias como “mudo”, “surdo-mudo” e “deficiente auditivo”. O ouvinte quase sempre desconhece a terminologia adequada para se referir ao surdo, que venha denotar menos peso preconceituoso, como nesse outro trecho de entrevista: “também sempre achei mais educado o termo deficiente auditivo do que Surdo, porém depois de Libras B compreendi que o termo correto é Surdo⁵”. (Entrevistado “B”, 2017). Neste sentido, Gesser discorre de forma clara e objetiva: “[...] Não é apenas a escolha acertada do termo que elimina os preconceitos sociais. Mas o deslocamento conceitual é preciso e urgente, e vem ocorrendo em primeira instância na reflexão e problematização dos conceitos de que fazemos uso ao nomear o outro.” (GESSER, 2014, p 46)

Percebe-se que a desconstrução mítica se torna um trabalho lento e extremamente necessário e essas crenças refletem diretamente na vida do Surdo.

A construção da identidade *deficiente* (e todos os seus derivados pejorativos) está ainda muito presente na vida dos surdos e, junto com ela, uma série de práticas encapsuladas no projeto clínico hegemônico. Isto ocorre porque a

⁵ Campelo em, deficiência auditiva e Libras p. 13, faz uma ressalva do motivo do “S”, maiúsculos em suas obras, ela diz que é utilizado por uma questão indenitária.

surdez é tanto uma construção cultural como um fenômeno físico. A forma dessa construção cultural é, sem dúvida, uma expressão de valores culturais mais amplos. (GESSER, 2008, p. 9)

Nota-se que muito do que se acredita sobre a surdez se constitui de conhecimentos adquiridos de forma empírica e social, que ainda sobrevivem, se alimentam e se disseminam até o desprender dos preconceitos enraizados, ou seja, o aproximar-se do conhecimento científico, como relatado nesse outro trecho de entrevista referente às mudanças de pensamentos posterior após o Libras B: “Surdos são como qualquer outra pessoa possuem os mesmos direitos e deveres. Não é pelo fato de não serem ouvintes que os torna diferentes ou impossibilitados de fazer as coisas.” (Entrevistado “D”, 2017)

A assertiva “surdos são como qualquer pessoa” mostra a desconstrução do mito de que Surdo não seria uma pessoa normal. “A Surdez é constituída na perspectiva do déficit, da falta, da anormalidade. O normal é ouvir, o que diverge desse padrão deve ser corrigido, normalizado.” (GESSER, 2014, p 67)

A expressão “impossibilitados de fazer as coisas” é extremamente recorrente; a ideia de que o surdo por ter sua condição linguística e sua cultura diferenciada, não pode ter autonomia em suas ações.

Outra recorrência mítica sobre a surdez refere-se ao “status” de língua sobre a Libras. Em alguns fragmentos da entrevista, percebe-se tais crenças sobre a Libras como nesse trecho: “Eu não conseguia enxergar o quadro completo da Libras como um idioma em si.” (Entrevistado “B”, 2017)

Esses saberes são extremamente comuns e fazem parte das muitas crenças que permeiam a língua; tais crenças aparecem com frequências quando abordados os conceitos mais específicos sobre a língua, como também neste trecho de uma aluna: “Pensava que LIBRAS era o alfabeto, e muitos outros conceitos que tinha passaram a mudar.” (Entrevistado “E”, 2017)

Quanto a esses saberes nitidamente míticos sobre a Libras e seus status linguístico, Gesser esclarece que na Libras “datilologia, é utilizado para soletrar manualmente as palavras, é apenas um recurso utilizado por falantes da língua. Não é uma língua e sim um código de representação de letras alfabética”. (GESSER, 2014, p. 28)

Identificar, embasar, discorrer e desconstruir as inúmeras crenças sobre a cultura surda, lançando mão de um volumoso arcabouço teórico, é uma tarefa que demanda tempo, pois precisa de análise minuciosa dos discursos do qual pretende-se abordar tais mitos, para que não ocorra quaisquer interpretação errônea, nem tendenciosa. No que diz respeito aos questionamentos que nortearam a pesquisa, a tarefa constituiu-se mais simples, tendo em vista que os discursos sobre a Surdez desde a época de Platão e Aristóteles permanecem, em muitas esferas, estagnados e nutrem-se da ignorância de uma grande parcela da sociedade.

Todo o processo de pesquisa entra em comprometimento, se na aplicabilidade, depois de toda a apropriação dos objetos que sustentam a pesquisa, não forem devidamente canalizados para seu objetivo final.

2. PRESTÍGIO E RECONHECIMENTO REFERENTE A LIBRAS B E SEU USO COMO FERRAMENTA PARA A DESCONSTRUÇÃO MÍTICA PRECONCEITUOSA EM PROL DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Libras B é um curso ofertado pela Universidade Federal do Amazonas, sendo de responsabilidade da FLET (Faculdade de Letras), disponível como disciplina optativa, para diversas Licenciaturas, com carga horária de 60 horas em seu total, cujo objetivo, definido em sua ementa, é instrumentalizar o aluno para a comunicação e a inclusão social através do conhecimento da Língua Brasileira de Sinais. Serão considerados os detalhes da ementa e do plano de aula deste curso (em anexos).

Libras B é um curso básico em sua proposta de ementa, esse conceito do básico juntamente com a carga horária reduzida, dá ao curso, a primeira vista, um “status” de “pouca importância”. Estas referências sobre o curso foram construídas em conversas com alguns alunos/monitores e alunos que já haviam cursado e concluído a disciplina em algum momento. (Consta no PCC do curso de Letras Libras da UFAM)

Nesse ponto está o maior desafio em discorrer sobre o tema do tópico, tendo em vista que todas as pessoas que trouxeram suas crenças para a “superfície” mediante a entrevista semiestruturada, são aspirantes a docentes, todos na condição momentânea de aluno usando seu conhecimento de mundo para formar sua personalidade como profissional.

É preciso olhar, como um todo, a experiência de observação, referente a monitoria sobre o curso Libras B. A impessoalidade se torna extremamente necessária para a análise de dados. Porém, tratando-se de crenças, todas as pessoas tem as suas próprias, incluindo os observadores da pesquisa.

Em alguns momentos da pesquisa, o discurso indica pensamentos individuais, esse aspecto é intencional, por conta da necessidade de “olhar pra dentro” e enxergar que as crenças aferidas hoje mediante a entrevista remontam em vários aspectos as próprias crenças errôneas e cheias de preconceitos dos pesquisadores. É possível sentir que as condições momentâneas e o estado permanente, de estar e ser (estar discente, e a poucos “passos” de ser docente) se confundem em diversos momentos e foi preciso um tempo considerável e leituras incansáveis para o desvencilhar dessas crenças prejudiciais.

O aluno e pesquisador, na sua condição de observador, no último período, munido de um extenso arcabouço teórico, torna-se uma pessoa extremamente crítica em suas ações e análises, e vê-se dentro da pesquisa como uma parte social modificada. É quase uma ação de causa e efeito, ou seja, quanto mais se reflete sobre as práticas referentes ao ensino, mais crítico você se torna. E nesse sentido foram abertas muitas possibilidades a serem exploradas dentro do curso, que, por diversas vezes, por conta do conhecimento e da experiência que precisava adquirir foi dado, aos monitores, a liberdade de ser discente com todas as responsabilidades de docente.

Posto que a experiência possibilitou mudanças de pensamento e atitudes, não podemos deixar de contribuir, buscando a melhoria do curso em questão, abordando o que de fato foi perceptível ser de maior relevância referente ao tempo de observação, contatos com ex-alunos da disciplina, entrevistas com alunos discentes do curso, uma gama de conhecimento resultante de pesquisas e leituras diversas.

Todo o caminho percorrido foi criteriosamente analisado e orientado visando a base para a construção desta pesquisa. O objetivo dessa abordagem não é fazer críticas ou imposições a ementa do curso ou sobre o que é ou não é pertinente ou relevante ser abordado ou ministrado nas aulas, tampouco esboçar um método de ensino mais “adequado” como relata Gesser:

Não nos falta modelos, exemplos, e tentativas postulando formulas e roteiros para ensinar língua segundas e/ou estrangeirasL2/Le [...] Poderíamos resumir

o panorama afirmando que cada um desses métodos apresenta princípios, características e técnicas específicas, podendo-se verificar que as abordagens norteadoras de cada um recaem ora mais para a forma ora mais para o uso da língua (*abordagem gramatical, abordagem comunicativa*). (GESSER, 2015, p 17)

Em toda a pesquisa e diante do que foi presenciado no curso Libras B, referente a monitoria e suas percepções na sala de aula e as entrevistas, propõe-se aqui uma reflexão em prol de uma mudança de pensamento e/ou até mesmo de comportamento sobre o Libras B. De fato, ora as abordagens recaem para a forma ora para o uso e pode-se transitar entre os dois conceitos sobre a abordagem referente ao ensino de uma língua. Todavia, referente a Libras e a tudo que fora mencionado na pesquisa, sugere-se uma reflexão sobre uma terceira abordagem, para que se reflita sobre sua relevância bem como as duas comumente discutidas, a abordagem social. Entende-se como abordagem:

É a filosofia de ensinar – na abordagem, residem todas as energias e esforços que motivam o professor promover experiências na língua-Alvo. Essas energias não são unilateralmente motivadas (apenas do professor para o aluno), nem tampouco fixas (sempre as mesmas), pois são *compostas de outros valores, pautados em princípios linguísticos, cognitivos e efetivos que retroalimentam as práticas do professor em sala de aula*, conferindo o dinamismo à relação ensino-aprendizagem. (GESSER, 2015, P 19)

Portanto, se faz extremamente necessário, logo no processo de aprendizagem da Libras, um estudo mais minucioso sobre a importância da questão social referente a abordagem e todos seus pilares que remetem a esses estudos bem como as competências “competência implícita, a teórica, a aplicada, a profissional e a linguístico-comunicativa” (GESSER,2015, p 20), sendo que a anteriormente citada competência profissional, está diretamente ligada as inferências referente a aprendizagem da Libras dentro do Libras B.

Cuja a constituição representa a conscientização do professor sobre os papéis de profissional, político, educador, facilitador...a competência profissional está vinculada ao senso de responsabilidade e comprometimento com a profissão e manifesta-se toda vez que o professor procura aprimorar-se. (GESSER, 2015, p. 21)

Fala-se muito sobre discurso e prática dentro da comunidade surda, mas ao se envolver a ponto de submergir em seus conceitos sobre sua cultura, sente-se com certa

facilidade uma proeminência do discurso hermenêutico, e isso inclui principalmente o curso em questão.

Tal fenômeno ocorre pela escassez de percepções e ações posteriores que desencadeiam ações reflexivas sobre a satisfação dos alunos que concluíram o curso “básico” em questão, bem como se suas desconstruções preconceituosas foram satisfatórias e como seu pensamento foi modificado no decorrer do curso.

Essas inferências sobre a satisfação dos concludentes do curso esbarram em vários empecilhos como, por exemplo, o tempo que o docente não dispõe, tanto para uma análise pré-aula a respeito do que seria pertinente abordar referente aos interesses mútuos entre os alunos, os docentes e a comunidade surda. Tais obstáculos acabam por não permitir que o professor reflita sobre essas práticas extremamente necessárias dentro do curso.

[...] a reflexão e a prática estão em constante movimento e se complementam [...] todavia para que essa prática ocorra o professor deve fazer uso de algumas ferramentas, tais como: diários, memorandos, questionários, gravações das próprias aulas, relatos retrospectivos das aulas etc. (GESSER,2015, p. 25)

Isso evidencia algo utópico, tendo em vista que todo o departamento que seria responsável por “viabilizar” esse tempo prioriza outros méritos para a o corpo docente. O objetivo inicial depois de todas as observações e análises das anotações, foi traçar um meridiano entre tempo (60 horas) e a seu melhor aproveitamento (conteúdo), onde para tal feito poderá ser usado em todo o escopo desta pesquisa.

Em relação ao curso de Libras B, faz-se necessário priorizar três pontos cruciais. Em primeiro lugar, a oportunidade única, a cada turma formada, de desconstruir, dentro da academia, crenças extremamente prejudiciais a cultura Surda. Em segundo, seria imputar a semente da necessidade referente a acessibilidade linguística em todas as áreas do conhecimento, tendo em vista a diversidade extrema de alunos de diversos cursos, estudantes de diversas ciências. Em terceiro, propor um pensamento reflexivo ao docente ministrante da disciplina, referente a todas as inferências aqui expostas tanto sobre o discurso discente como sobre os embasamentos teóricos discorrido aqui sobre estudos na área da linguística aplicada e, assim, sensibilizá-lo para a intenção social implícita que o curso tem.

Ainda a respeito do primeiro ponto, realmente se faz necessário expurgar alguns tipos de saberes incrustados, mas, para isso, precisa-se primeiro conhecer onde se encontram essas crenças, ou seja, ouvir o aluno dentro de um determinado processo.

Assim, uma investigação sobre o que os alunos sabem ou acreditam deve envolver: (a) as experiências e ações desses alunos; (b) suas interpretações dessas experiências; (c) o contexto social e como ele molda as experiências dos alunos, e (d) como os alunos usam suas crenças para lidar com a tarefa complexa de aprender línguas. Em resumo, a pesquisa sobre crenças precisa reconhecer os alunos como seres reflexivos e precisa considerar a natureza paradoxal e dinâmica das crenças. Cabe a nós, professores, alunos e pesquisadores darmos o contorno e o sentido desse novo paradigma que se vislumbra. (BARCELOS, 2003, p. 26)

Nesse sentido, seria pertinente uma revisão na ementa do curso, para se tentar incluir assuntos pertinentes a mudança de visão do ouvinte referente a Surdez, a Libras e seus aspectos lingüísticos, como bem embasa Gesser em suas observações sobre o ensino da Libras.

Ao estudar e descrever contextos formais de aula de Libras para ouvintes, observei que há um elemento recorrente na interação entre os participantes: um esforço coletivo para legitimar a língua de sinais enquanto *língua*. Esse reconhecimento é crucial, antes mesmo de qualquer outra atividade. (GESSER, 2015, p. 38)

O curso IHP 123 - Língua Brasileira de Sinais B, turma 5, começou dia 10 de agosto e finalizou dia 30 de novembro de 2017, segundo semestre. Nesse período, participaram 37 alunos de licenciaturas diversas, logo, 37 novas oportunidades de se expandir os conceitos científicos sobre a Libras, oportunidades de crescimento exponencial referentes às desconstrução dos mitos preconceituosos. Participaram do curso discentes de Geografia, Letras – Língua portuguesa, Odontologia, Engenharia de pesca, Enfermagem, Direito, Letras – Literatura e Língua Inglesa, dentre outros. Observa-se neste sentido a oportunidade que se tem, de fazer com que a Libras adentre em outras ciências, trabalhar a conscientização e a necessidade dentro de cada ciência.

Quando se tem um trabalho de excelência levando em consideração o tempo a ser utilizado, o conteúdo a ser ministrado, aspirações dos alunos referente ao curso, pesquisa de satisfação para nortear futuras aulas e uma reflexão sobre a prática, consegue-se incríveis ganhos para a comunidade surda. E os mais importante deles, a quebra de preconceitos sobre a surdez e a conscientização da necessidade de transpor as

ciências em prol de algo maior, semear o gosto pelo saber no aluno, mudando a visão deles sobre toda essa problemática. Esse outro trecho de entrevista ilustra esses efeitos: “Penso em até utilizar Libras como tema do meu TCC para pacientes *especiais*” (Entrevistado “A”,2017).

Como já mencionado, a competência profissional perpassa todas os outros “pilares” da abordagem; quase sempre se faz necessário se ater a um momento de reflexão sobre o fazer docente, no contexto das aulas ministradas no Libras B. Durante esse período, podemos observar o quanto é complexo o docente administrar suas atividades, pois são muitos os desafios a serem enfrentados. O docente se divide em diversas outras tarefas de cunho acadêmico, na maioria das vezes em prol do seu próprio crescimento profissional (mestrado, doutorado), indispensáveis ao crescimento profissional, mas ainda nota-se carências, falta de amparo e incentivos dos sujeitos públicos e acadêmicos que influenciam diretamente na carreira do docente.

O curso carrega em sua grade conteúdos ainda engessados, que precisam ser moldados segundo as pretensões e necessidades dos discentes, para, então, atender aos anseios referentes às licenciaturas que iriam compor o corpo discente.

As mudanças devem ser construídas coletivamente: alunos, monitores e docentes, tendo como motivação inicial a ementa do curso; pensando sobre a estrutura e o cronograma a ser seguido para atender as aspirações dos alunos.

Todo o caminhar do curso deve seguir, prioritariamente, o momento de reflexão pré-aulas, e em todo o decorrer do ensino-aprendizagem, garimpando e enfatizando os conteúdos em um processo tão dinâmico quanto a própria língua.

A língua é viva, está em constante dinamicidade. As palavras são a essência da língua e, mesmo essa essência, com o tempo, sofrerá modificações de acordo com as necessidades linguísticas dos homens.

Logo, os significados dos termos e sua usualidade são mutáveis e dinâmicos. Tanto modifica-se os significados acerca da palavra como também as múltiplas relações que o homem estabelece com o termo; com a Libras não seria diferente.

3. METODOLOGIA

Com o intuito de alcançar os objetivos pretendidos na construção deste artigo

faz necessário que seja feita uma escolha criteriosa dos métodos para tal feito e todos os métodos aqui exposto legitimam a pesquisa em questão.

Toda pesquisa científica inicia com uma análise das obras que defendem o tema abordado no artigo ou que se pretende escrever ou seja inicia na pesquisa bibliográfica que nada mais é do que uma exaustiva leitura de diversas obras e artigos para ter-se o embasamento teórico necessário para ancorar sua pesquisa [...]Por isso, logo após a escolha do tema, o que se sugere é um levantamento bibliográfico preliminar que facilite a formulação do problema. Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. (GIL, 2002, p. 61)

Logo faz necessário, na condição de pesquisador, lançarmos mãos de obras diversas, obras de estudos já realizados que são fonte do tema escolhido e estas servem de subsidio para novas pesquisas. Sabendo que a linha de pesquisa se desenvolve no âmbito qualitativo, tendo em vista tal pesquisa não se preocupar com a quantidade dos dados a serem analisados, e sim a qualidade dos mesmos, o que de fato possa ser aferido referente as crenças, a realidade social vivida pela comunidade Surda, ou seja questões que precisam de uma interpretação contextualizada dentro da realidade supracitada, e nesse sentido Gil discorre: “Já nas pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos.” (GILL,2002, p. 134)

A interação com o objeto da pesquisa (os alunos) reafirmam a escolha da pesquisa qualitativa, pois mediante a necessidade das aferições das crenças, se fez necessário uma aproximação amistosa, buscando entender e responder alguns questionamentos que nortearam a pesquisa em questão, sem que houvesse uma interferência de forma direta ou indireta nas opiniões dos alunos dos quais serviriam de espelho social.

Num segundo momento com o intuito de consolidar de fato o que se aferiu posterior a toda leitura feita inicialmente, a pesquisa assume o aspecto da pesquisa de campo.

Os estudos de campo, de modo geral, apresentam objetivos muito mais amplos do que os levantamentos. Por essa razão, nesses estudos a formulação exata do projeto de pesquisa é deixada para um estágio avançado de seu processo. A especificação dos objetivos, a seleção dos informantes e as estratégias para coleta de dados costumam ser definidas somente após exploração preliminar da situação. (GIL, 2002, p.129)

Pois para tal feito o pesquisador participou efetivamente dos processos estruturais que compõe o curso Libras B bem como frequentou todas as aulas, e participou das ministrações das mesmas. No decorrer da pesquisa de campo foi utilizada uma entrevista semiestruturada que serviu para comprovar de fato os questionamentos sobre as muitas crenças preconceituosas que paira sobre a Libras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a parte mais rica deste trabalho concentrou-se nas experiências externalizadas pelos alunos tanto de maneira formal (entrevistas) como de maneira informal (conversas com colegas), apropriando-se de conhecimentos bibliográficos e a vivência dos sujeitos da pesquisa, sendo possível debater amplamente sobre os diversos mitos preconceituosos que ainda margeiam as línguas de sinais.

Mesmo com o advento de pesquisas e estudos recursivos na área da surdez, é notório que vivemos em constante construção e desconstrução de paradigmas. A repaginação de certos conceitos se faz necessária e não somente a mudança do termo que os torna pejorativo, mas sim, mudança de atitudes. Para tais mudanças, são necessários processos, e para cada processo de desconstrução de conceitos míticos preconceituosos, métodos e/ou meios incisivos. Portanto, torna-se necessário oferecer a devida importância ao meios instrumentais para apuração do que realmente gera mudanças positivas.

O título que esta pesquisa carrega “Monitoria no Libras B: Desmistificando a Libras (língua Brasileira de sinais) e Praticando o Ensino de Libras como L2 (Segunda Língua)” propôs uma discussão justamente sobre as muitas crenças que os alunos trazem consigo ao adentrarem o Libras B, e de como o docente pode trabalhar esses saberes, bem como fazer questionamentos referentes as práticas docentes, em prol de um ensino mais reflexivo, através da prática refletindo na prática.

Compreender as peculiaridades e as principais características do ser Surdo e o contexto do ensino da Libras, foi fundamental para a execução deste artigo. Só dessa maneira, será possível contribuir para a construção de uma educação adequada e de qualidade que vá ao encontro das realidades psicossocial, cultural e linguística do povo Surdo.

5. REFERÊNCIAS

Bagno, Marcos. **Preconceito linguístico**, 56º edição, 3 reimpressão, editora Parábola, São Paulo, 2016.

Barcelos, Ana Maria Ferreira. **Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas, linguagem e ensino** vol. 7, No. 1, 2004 , p. 123-156.

Brasil. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 29 nov. 2017.

Brasil. Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000**, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 29 nov. 2017.

Campelo, Ana Regina e Souza. **Deficiência Auditiva e Libras**, editora Grupo Uniasselvi, Santa Catarina, 2012.

Campelo, Ana Regina e Souza. **Língua Brasileira de sinais**, editora Grupo Uniasselvi, Santa Catarina, 2011.

Gil, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**, 4º edição, editora Atlas, 2002

Gesser, Audrei. **Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas**. Trab. Ling. Aplic. Campinas, 47(1): 223-239, Jan./Jun. 2008.

Gesser, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**, 1º edição, 9º reimpressão, editora Afiliada, 2014.

Gesser, Audrei. **O Ouvinte e a Surdez: Sobre ensinar e aprender Libras**, 1º edição, 2º reimpressão, editora Parábola, 2015.

6. ANEXO A – Ementa e Plano de Ensino Do Curso Libras B

PLANO DE ENSINO

1. IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA		
CURSO: LIBRAS B -	PERÍODO LETIVO: 2017/2	TURMA :05
DISCIPLINA: LIBRAS B	SIGLA: IH07-L	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CRÉDITOS: 4	
TEÓRIC A: 30	PRÁTICA: 30	PRÉ-REQUISITO:
PROFESSOR (ES) : Livia Martins Gomes		
E-MAIL(S): livia.librasufam@gmail.com		
Horário das aulas teóricas 5ª. Feira - 08h00 / 10h00	Horário das aulas Práticas 5ª. Feira – 10h00 / 12h00	Horário e local de atendimento de alunos: 2ª. Feira - 14h00 / 18h00; sala de professores do Departamento do CLL Gª.Feiria – 00h00 / 00h00; sala de professores do Departamento xxxx
2. EMENTA (conforme o PPC do curso)		
<p>Histórias de surdos; noções de língua portuguesa e linguística; parâmetros em libras; noções linguísticas de libras; sistema de transição; tipos de frases em libras; incorporação de negação; conteúdos básicos de libras; expressão corporal e facial; alfabeto manual; gramática de libras; sinais de nomes próprios; soletração de nomes; localização de nomes; percepção visual; profissões; funções e cargos; ambiente de trabalho; meios de comunicação; família; árvore genealógica; vestuário; alimentação; objetos; valores monetários; compras; vendas; medidas, meios de transporte, estados do Brasil e suas culturas; diálogos.</p>		
3.OBJETIVOS		
3.1 GERAL (conforme o PPC do curso)		
<ul style="list-style-type: none"> Conhecer a estrutura da Língua de Sinais nos níveis fonológicos e morfossintáticos, aplicando este conhecimento em situações sócio-comunicativas e instrumentalizando para a comunicação e a inclusão social, através do conhecimento da Língua Brasileira de Sinais. 		
3.2 ESPECÍFICOS (se houver)		
<ul style="list-style-type: none"> Introduzir o licenciando na conversação e na narração em Libras; Conhecer os mitos existentes nas línguas de sinais que permeiam o imaginário ouvinte; 		

- Compreender a educação de surdos e as conquistas do movimento surdo;
- Conhecer a legislação brasileira no que diz respeito às pessoas surdas.

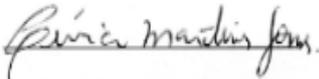
4.CONTEÚDO PROGRAMÁTICO/CRONOGRAMA				
Datas	Aulas		Conteúdo	Professor* *
	Carga horária	Tipo (T, P) *		
10/08	4	T	Apresentação do Plano de Ensino; Início com os cumprimentos e alfabeto da xuxa.	Lívia Martins Gomes
17.08	4	T/P	Início com a História, Legislação e Surdez. Aspectos Históricos da Língua de Sinais	Lívia Martins Gomes
24.08	4	T/P	Acessibilidade – Lei nº10.098/2000, Reconhecimento da Língua de Sinais – Lei nº 10.436/2002, Regulamentação da Lei 10.436/2002 – Decreto nº 5.626/2005.	Lívia Martins Gomes
31.08	4	T/P	O Ser Surdo – Aspectos comportamentais; Cultura Surda e os Artefatos Culturais.	Lívia Martins Gomes
14.09	4	T/P	A Comunidade Surda: conceito e características	Lívia Martins Gomes
21.09	4	T/P	O Movimento Surdo: lutas e conquistas – Entrega do Exercício Escolar 01.	Lívia Martins Gomes
28.09	4	T/P	Olhando a Surdez – Aspectos Clínicos da Surdez	Lívia Martins Gomes
05.10	4	T/P	Abordagens Educacionais para a Pessoa Surda: Oralismo, Comunicação Total.	Lívia Martins Gomes
12.10	4	T/P	Abordagens Educacionais para a Pessoa Surda: Bilinguismo.	Lívia Martins Gomes
19.10	4	T/P	Aspectos Sócio-Antropológicos da Surdez: Percepção Visual.	Lívia Martins Gomes
26.10	4	T/P	Língua ou Linguagem? – Língua x Linguagem – Língua ou Linguagem de Sinais?	Lívia Martins Gomes
09.11	4	T/P	Libras e Língua Portuguesa: estruturas distintas – ordem sintática	Lívia Martins Gomes
16.11	4	T/P	Noções de Fonologia da Libras: Parâmetros Fonológicos da Libras: Configuração de Mãos, Ponto de Articulação, Movimento, Orientação/Direcionalidade, Expressões Não-Manuais.	Lívia Martins Gomes
23.11	4	T/P	Mitos nas Línguas de Sinais: Mitos em relação à Pessoa Surda.	Lívia Martins Gomes
30.11	4	P	Seminário em Libras-	Lívia Martins

				Gomes
			Prova escrita e oral	

*Aula teórica ou prática

** Em caso de disciplinas compartilhadas

5.PROCEDIMENTOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM
Análise de textos referentes à Língua de Sinais ao Surdo e à Surdez, análise de textos referentes ao Bilinguismo e Surdez, produção de vídeos sobre a temática da unidade, produção e execução de planos de aula para alunos surdos e avaliação oral.
6.REFERÊNCIAS
BRASIL. Decreto nº 5.626, DE 22 de dezembro de 2005. _____. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volume I: Sinais de A a L. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volume II: Sinais de M a Z. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. FELIPE, Tania A. MONTEIRO, Myrna S. Libras em contexto: curso básico: livro do aluno. 5 ed. Brasília: MEC/SEESP, 2006. GESSER, Audrei. Libras? que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir Becker. Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. SÁ, Nídia Regina Limeira de. Educação de surdos: a caminho do bilinguismo. Niterói: EDUFF, 1999. _____. Cultura, poder e educação de surdos. Manaus: EDUA, 2002. _____. Surdos qual escola? Manaus: EDUA/VALER, 2011. SKLIAR, Carlos. (org.) A surdez, um olhar sobre a diferença. Porto Alegre: Mediação, 1998. STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: UFSC, 2008. THOMA, Adriana da Silva. LOPES, Maura Corcini (orgs.) A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
7.2 COMPLEMENTAR (mínimo de 05 indicações, conforme o PPC do curso)
ALBRES, Neiva de Aquino. NEVES, Sylvia Lia Grespan. De sinal em sinal: comunicação em Libras para aperfeiçoamento do ensino dos componentes curriculares. São Paulo: FENEIS, 2008. ALBRES, Neiva de Aquino. Surdos & inclusão educacional. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010. BRASIL. Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. _____. Lei nº 12.319 de 01 de setembro de 2012. PIMENTA, Nelson. Números na língua de sinais brasileira (DVD). LSBVideo: Rio de Janeiro. 2009. PIMENTA, Nelson. QUADROS, Ronice Müller de. Curso de Libras 1. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006. PIMENTA, Nelson. QUADROS, Ronice Müller de. Curso de Libras 2. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006. QUADROS, Ronice Müller de (org.) Estudos Surdos I. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006. QUADROS, Ronice Müller de. PERLIN, Gladis. (org.) Estudos Surdos II. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007. QUADROS, Ronice Müller. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997. Dicionário virtual de apoio: http://www.acessobrasil.org.br/libras/ Dicionário virtual de apoio: http://www.dicionariolibras.com.br/
LOCAL E DATA: Manaus, 30 de junho de 2017.

ASSINATURAS DOS PROFESSORES (AS): 
DATA DA APROVAÇÃO DO COLEGIADO DO CURSO:
DATA DA ASSINATURA DO (A) COORDENADOR DO COLEGIADO (A) DO CURSO:

ANEXO B – Entrevista semiestruturada aplicada com os alunos do curso Libras B

ENTREVISTA

Referente ao curso: Libras B

Nome completo:

Idade:

Naturalidade:

Formação:

Curso:

Período:

- 1- Discorra de forma detalhada (se possível) sobre sua experiência referente a Libras discorrendo de forma cronológica, desde o primeiro contato (data/ano se lembrar). O que lhe motivou a aprender mais, os principais motivos que fizeram você procurar saber mais, **antes de ser discente do libras b.**
- 2- Qual nível de interesse/Conhecimento, você possui referente a outras línguas (orais).
- 3- Quais “certezas” ou crenças referente a língua de sinais você desconstruiu ao longo do curso Libras B. se possível enumera-las e discorrer cada uma delas quaisquer crença.
- 4- Discorra sobre a expectativa e realidade referente ao curso.
- 5- Qual ou quais temas/ aulas você considerou mais interessantes, especifique o elemento que possa ter sido o diferencial dessa (s) aulas em questão. O que acrescentaria o que retiraria?
- 6- Analisando o curso com o olhar crítico para abordagens nos cursos posteriores o que exatamente você teria a propor como mudança, tanto no âmbito físico/material quanto sobre o professor bem como referente ao monitor.
- 7- Qual suas dificuldades referente a aquisição da Libras.
- 8- Qual suas pretensões pós curso.
- 9- Diante do questionário e diante de toda a gama de conhecimento que fora exposto (a) faça uma análise consciente e relate quais mudanças de pensamentos ocorreram, e quais são suas crenças seus saberes sobre a Libras hoje **posterior ao libras b.**

ANEXO C – Termos de livre consentimento e esclarecimento

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o aluno de graduação Eduardo de Souza Melo, do curso de Licenciatura em Letras: Libras da Faculdade de Letras na Universidade Federal do Amazonas, registrado com a matrícula 21456465, que pode ser contatado pelo e-mail esouzza.xavier@gmail.com e pelo telefone (62) 995082343. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com os alunos do curso “Libras B, visando, por parte do referido aluno a realização de um Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “**Monitoria no Libras B: Desmistificando a Libras (Língua Brasileira de Sinais) e praticando o ensino de Libras como L2 (Segunda língua).**” informamos que:

- As informações que seguem estão sendo fornecidas para a sua participação voluntária nesta pesquisa, cujo objetivo geral é: aferir as crenças anterior e posterior ao curso;

- O pesquisador garante que não há risco de qualquer natureza para os participantes desta. Você também tem a garantia de que, em qualquer etapa do estudo, terá acesso ao pesquisador responsável para esclarecimento de eventuais dúvidas.

É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com a orientadora **Lívia Martins Gomes**, não sendo divulgada a identificação dos mesmos.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada a sua participação.

Os pesquisadores se compromete a utilizar os dados coletados somente para esta pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a mesma, sem penalidades ou prejuízo.

Assinatura Entrevistado

Data: __/__/__

Nome do Entrevistador e pesquisador

Data: __/__/__